

Coisas da Política

JORNAL DO BRASIL



O Senado e os bois

O SENADOR RENAN CALHEIROS JOGA CONTRA O TEMPO para escapar da punição política e reza. Com tanto fervor que o colega Joaquim Roriz resolveu dividir o calvário – afinal, os dois estão interligados pela filiação partidária, por relações suspeitas com empresários (ou empresas) e por contas de bois e boiadas mal feitas. O presidente do Congresso manobrou como quis o Conselho de Ética até agora e ganhou prazo para apostar no esquecimento nacional e esperar por um escândalo mais quente que fizesse o seu ocupar o segundo plano. O ex-governador do Distrito Federal forneceu a munição para que o segundo desejo do correligionário, em posto mais vistoso, se concretizasse.

A soma das histórias mal contadas e das justificativas mal costuradas só eleva o débito dos políticos diante da opinião pública. Não bastasse a suspeita que envolve a origem do dinheiro (seria da empreiteira Mendes Júnior?) que pagou contas de pensão e aluguel da filha do senador que comanda o Congresso, agora vem a partilha de R\$ 2,2 milhões do dono da Gol entre um senador, um ex-dirigente de banco estatal e uma trupe sabe-se lá de quantos outros integrantes do ex-governo Roriz no Distrito Federal. A boiada de Renan não justifica, até agora, o gasto com a pensão da menina de 3 anos. O boi de Roriz, que custaria R\$ 300 mil, tem de ser um reprodutor daqueles para valer tanto.

Ambos os peemedebistas exibem uma lista esplêndida de disputas eleitorais. Renan já foi comunista, deputado, ministro, líder de bancada, candidato a governador. Roriz governou o DF quatro vezes e apresenta um currículo de processos de corar de vergonha qualquer cidadão. É réu em ações no Supremo Tribunal Federal, na Justiça do Distrito Federal, na Justiça Federal, no Superior Tribunal de Justiça. Movimenta-se com a audácia dos que acreditam estar imunes a punições, sejam pela urna ou pelas togas. Até hoje nada aconteceu que o faça temer uma reviravolta no futuro.

Renan e Roriz, até agora, só comprovam que a descrença popular tem base

Até agora. O humor dos eleitores com os políticos se azeda a cada dia. A desconfiança é praxe. Se eles juram inocência, imediatamente são considerados culpados. Se apresentam documentos,

a sabedoria popular parece esperar que logo se descubra que são falsos ou, no mínimo, suspeitos. Se falam “a”, logo se imagina o oposto. Renan e Roriz, até agora, só comprovam que a descrença popular tem toda razão de ser.

Não é o caso, porém, de se generalizar descréditos nem igualar a classe política como um todo com as maçãs podres ou aparentemente bichadas. É difícil separar as frutas, especialmente quando se acompanha sessões do Conselho de Ética do Senado, discursos para plenários vazios na Câmara e na Casa vizinha. Ou quando se ouve parlamentares, aliados ou opositores, sacando argumentos os mais variados para salvar a pele de colegas, como o presidente do Senado, numa demonstração inequívoca e repulsiva de corporativismo em alto grau.

O Senado, para adotar um termo da moda, urge se realinhar. Não ao compasso orquestrado pelo Planalto. Ao ritmo das ruas. Depois da quebra do sigilo do painel eletrônico, protagonizada por Antonio Carlos Magalhães, do ranário de Jader Barbalho e dos bois de Renan, é mais do que hora de ter um maestro acima de qualquer suspeita e violinos, violoncelos, flautas, baixos, bateria, piano em sintonia perfeita.

Cobra-se dos músicos a afinação total. Se, para isso for necessário, despeçam-se os desafinados. Não dá mais para assistir a um espetáculo que só envergonha quem porta título de eleitor no país. Por isso, Renan precisa afastar-se da presidência do Senado e do Congresso. Roriz deve reaprender a corar, talvez enfrentando, pela primeira vez, um processo sério, com direito a punição exemplar, se não por seus pares, pelo menos na Justiça.